

A BIBLIOTECA ESCOLAR E OS CONTOS DE FADA

Raquel Aparecida Ribeiro Silva¹
Sueli Bortolin²

Resumo: O indivíduo tem, em qualquer faixa etária, o direito à fantasia. Na infância ela favorece a integridade física e emocional, portanto quanto mais cedo a criança tiver contato com os contos de fada, melhor. O objetivo deste artigo é discutir a relevância dos contos de fada na biblioteca escolar para crianças. Acredita-se que os contos de fada ajudam a criança a compreender que a vida é feita de adversidades, sendo necessário enfrentá-las com determinação para que se possa superá-las. O procedimento metodológico escolhido foi a pesquisa bibliográfica, pois ela além de aflorar conhecimentos diversificados, possibilitou a reunião de discursos de diferentes áreas, proferidos, entre outros, por Bortolin (2010) e Caldin (2004), de Biblioteconomia; Bussato (2003) e Carvalho (1984), de Letras; Estés (2000) e Radino (2004), de Psicologia e Rezende (2011); e Silva (2001), de Educação. Conclui-se que, por ser a biblioteca escolar um espaço também de literatura, os profissionais que nela atuam precisam buscar subsídios teóricos e pedagógico ao mediar os contos de fada para que com eles as crianças possam lidar melhor com atribulações e angústias. Demonstra-se, portanto, a imprescindibilidade dos contos de fada.

Palavras-chave: Contos de fada. Biblioteca Escolar. Leitura literária na escola.



¹ Especialista em Gestão de Biblioteca Escolar pela Universidade Estadual de Londrina (UEL)

² Profa. Sênior do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação na UEL.

SCHOOL LIBRARY AND FAIRY TALES

Abstract: The individual has, at any age, the right to fantasy. In childhood it promotes the physical and emotional integrity, so the sooner the child has contact with the best fairy tales, the better. The purpose of this article is to discuss the mediation of fairy tales in the school library for children. We believe fairy tales help children understand that life is made up of adversities, and it is necessary to face them with determination, so that they may be overcome. The chosen methodological procedure was bibliographic research because, aside from allowing diversified knowledge to emerge, it enabled the gathering of discourses from different areas delivered, among others, by Bortolin (2010) and Caldin (2004) from Librarianship, Bussato (2003) and Carvalho (1984) from Language and Literature, Estés (2000) and Radino (2004) from Psychology, and Rezende (2011) and Silva (2001) from Education. We conclude that, since the school library is also a space for reading, the professionals who work in it need to seek theoretical and pedagogical subsidies to mediate fairy tales so that through them children can better cope with tribulations and distresses. Therefore, the indispensability of fairy tales is demonstrated.

Keywords: Fairy tales. School libraries. Literary reading at school.

LA BIBLIOTECA ESCOLAR Y LOS CUENTOS DE HADAS

Resumen: El individuo tiene, a cualquier edad, el derecho a la fantasía. En la infancia ella favorece la integridad física y emocional. El propósito de este artículo es discutir la relevancia de los cuentos de hadas en la biblioteca de la escuela para los niños. Se cree que los cuentos de hada ayudan al niño a comprender que la vida se hace de adversidades, siendo necesario enfrentarlas con determinación para que se pueda superarlas. El procedimiento metodológico elegido fue la investigación bibliográfica, porque además de llevar a cabo gran diversidad de conocimientos, hizo posible la reunión de diferentes áreas, entregado, entre otros, por Bortolin (2010) y Caldin (2004), de Biblioteconomía; Bussato (2003) y Carvalho (1984), de Letras; Estés (2000) y Radino (2004), de Psicología, y Rezende (2011), y Silva (2001), de Educación. Se concluye que por ser la biblioteca escolar un espacio también de literatura, los profesionales que en ella actúan necesitan buscar subsidios teóricos y pedagógicos para mediar los cuentos de hadas para que con ellos los niños puedan manejar mejor las tribulaciones y aflicciones. Por lo tanto, se demuestra la indispensabilidad de los cuentos de hadas.

Palabras clave: Cuentos de hadas. Biblioteca Escolar. Lectura literaria en la escuela.

Introdução

Sabe-se que a leitura corrobora com a formação das crianças e para o seu processo de aprendizagem. Nesse artigo discutiu-se a imprescindibilidade da leitura dos contos de fada no desenvolvimento das crianças em todos os aspectos, pois estimula a imaginação e, pode ajudá-las a entenderem a si e o mundo.

Os contos de fada abordam conflitos vividos pelas crianças. A forma como se desenrola a história pode nortear as ações e posicionamento delas frente a situações similares aos personagens. No período da infância, a criança ainda não tem consciência do que sente e, é por isso que a fantasia contida nos contos de fada interessa a criança, pois se aproxima do mundo dela em um processo de identificação. Essa identificação provocada pela leitura dos contos de fada é benéfica principalmente na esfera emocional, visto que permite as crianças entenderem os seus sentimentos, preparando-as para as adversidades da vida. Em muitos casos elas conseguem extrair deles a solução para os seus problemas.

Muitas crianças passam por problemas familiares, financeiros, sociais e tantos outros, e é possível que o mediador escolar, em especial, o professor e o bibliotecário, ao utilizar um conto de fada, possam ajudá-las. Por esta razão os contos de fada devem ser lidos ou contados rotineiramente na biblioteca escolar, justamente porque é neste ambiente que a criança pode acessar diferentes gêneros de literatura.

A leitura possibilita muitos benefícios ao leitor, entre eles: o acesso à cultura e a cidadania; portanto essa investigação se justifica por acreditar que os mediadores, professor e o bibliotecário, realizam mediações com as crianças de maneira a apaziguar emoções indesejadas. No entanto, para isso necessitam que tenham ao seu dispor um acervo diversificado, incluindo os contos de fada.

Assim, estabeleceu-se como objetivo deste artigo - discutir a relevância dos contos de fada na biblioteca escolar para a criança. Para alcançar este objetivo, realizou-se um levantamento bibliográfico a respeito das duas principais temáticas aqui tratadas: biblioteca escolar e contos de fada. Tendo como base, entre outros, os seguintes autores: Bortolin (2010) e Caldin (2004) da Biblioteconomia, Bussato (2003) e Carvalho (1984) da Letras, Estés [200?] e Radino (2004) da Psicologia e Rezende e Cruz (2011) e Silva e Bortolin (2001) da Educação.

Segundo Witter (1990, p.7) o levantamento bibliográfico é um processo que “[...] implica em ir à literatura científico-tecnológica para recuperar a informação existente de modo a viabilizar, a sustentar, a sugerir bases para o trabalho em curso.” Essa autora complementa afirmando que isso faz parte da vida de todo o pesquisador, desde a seleção do tema até o desenvolvimento da pesquisa, independente da metodologia escolhida.

Quanto ao método utilizou-se a pesquisa bibliográfica que, de acordo com Witter (1990, p. 27), é diferente de um levantamento bibliográfico, pois este resulta em uma síntese. Em contrapartida, a pesquisa bibliográfica faz aflorar novos conhecimentos. A autora ainda identifica as características da pesquisa bibliográfica que:

[...] pode ser distinguida das demais pesquisas documentais por sua especificidade quanto ao tipo de suporte informacional, o estabelecimento de balizas temporais e pela caracterização de metodologia, a qual implica na descrição das características básicas da fonte bibliográfica analisada e na explicitação das categorias de análises usadas no processo de tratamento da informação. Estes últimos aspectos variarão de acordo com os objetivos do autor e do tipo de estudo (WITTER, 1990, p. 25-26).

Para Gil (2008, p. 50) a vantagem de se usar a pesquisa bibliográfica é a “[...] cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla [...]. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.”

Esse artigo é resultado de disciplinas ofertadas no Curso de Especialização – Gestão de Biblioteca Escolar (UEL), portanto, trata-se de fragmentos de discussões sem a pretensão de uma demarcação temporal, tendo como critérios documentos publicados no Brasil. Vale destacar que as pesquisadoras, até pela escassez de material específico na Biblioteconomia, *lançaram mão* de conexões com áreas Educação, Letras e Psicologia. Isso com a intenção de que os profissionais da escola se inteirem de conceitos que permitam a eles realizar seu trabalho com maior profundidade.

Para tanto, esse artigo foi estruturado da seguinte forma: a presente introdução contendo os procedimentos metodológicos; na segunda seção abordou-se a biblioteca escolar e os contos de fada para as crianças. A terceira seção teceu-se as considerações finais dessa investigação.

Biblioteca Escolar e os Contos de Fada

Muitas pessoas consideram uma biblioteca escolar “qualquer ambiente onde se guardam os livros”, mas para os bibliotecários ou quem já tem consciência da importância da mesma, essa definição é restrita e equivocada. Esse espaço exige mediações diárias, sendo elas: informacional, afetiva, pedagógica, literária, que tendem a despertar na criança a vontade de permanecer nele. Além disso, “Lidar com crianças e jovens requer uma formação tão sofisticada quanto a que se exige dos que trabalham com os pesquisadores mais altamente diferenciados [...]” (FONSECA, 1983, p. 14).

Assim, a biblioteca escolar, entre outras coisas, pode ser considerada como um órgão vital da escola, visto que ela é responsável por fazer circular o conhecimento para os alunos e a toda equipe pedagógica; sendo assim sua existência é vital para a aprendizagem dos alunos.

Considerá-la apenas um depósito é vê-la como algo estático, ou seja, sem movimento. A biblioteca é um lugar em que os livros circulam propiciando leituras, pesquisas e atividades que incentivem o leitor, como exemplo pode-se citar as narrativas de histórias, exposições, teatros, músicas, jogos entre outras.

Não se pode esquecer que uma biblioteca deve prezar pela qualidade e pela diversidade do seu acervo, para que dessa forma possa desempenhar seu papel socioeducativo, possibilitando ao leitor a escolha do que mais lhe agrada.

Nessa pesquisa o gênero literário que nos interessa discutir é o do tipo narrativo presente nos contos de fada, gênero este que tende a propiciar uma mediação literária exitosa. Bortolin (2010, p. 115) conceitua esse gênero de mediação “[...] como a interferência casual ou planejada visando a levar o leitor a ler literatura em diferentes suportes e linguagens.”

Para evidenciar a importância do contato com a literatura desde cedo, Carvalho (1984) afirma que o escritor Hans Christian Andersen se tornou imortal na história da literatura por causa das histórias que ouviu quando criança.

Independentemente da idade é perceptível o encantamento das pessoas ao ouvirem histórias e ainda o prazer maior em contá-las. Abordando os contos, Chauí (1984, p. 33) afirma que eles “[...] funcionam como espécie de ‘rito de passagem’ [...]”

não só auxiliam a criança a lidar com o presente, mas ainda a preparam para o que está por vir, a futura separação de seu mundo familiar e a entrada no universo dos adultos.”

O ato de narrar histórias em família sempre ocorreu. Nossos avós gostavam de nos contar histórias do passado; relatos que foram narrados de geração em geração, histórias vividas ou ouvidas por aqueles que os antecederam e, assim chegam aos nossos ouvidos. Certamente conhecendo o valor dessas histórias, repassá-las é sempre algo espontâneo, como um desejo é que elas não desapareçam e sejam perpetuadas.

A expressão - contos de fada nos remete às memórias de infância e erroneamente nos leva a deduzir que esse tipo de literatura é voltado apenas para as crianças. No entanto, ainda é perceptível como eles encantam muitos adultos. Na Idade Média, por exemplo, o público-alvo desse gênero de contos eram os camponeses que se divertiam ouvindo histórias nas noites de inverno (SILVA, 2006). Carvalho contextualiza a origem das fadas alertando que:

Fada – do latim *fata* (pl. n. de *fatu*): fado, predição, destino, que veio a significar, por extensão analógica, a “dona ou deusa do destino”, “aquela que brilha”; ou ainda, da etimologia analógica de *fata, ae*, fem., com sentido de fada ou de Parca, como entidades mitológicas que comandam o destino dos mortais (as parcas: Cloto, que presidia o nascimento; Láqueses, que gerava o fuso tecendo a vida; Átropos, que cortava o fio da vida), enquanto a Fada simbolizando a bondade a graça, a beleza, se eternizou e continua viva nos contos maravilhosos (CARVALHO, 1984, p. 60).

Quanto a origem da palavra Coelho (2003, p.72) afirma que apareceu em textos novelescos e significa: “[...] em língua latina: *fata* (oráculo, predição), derivada de *fatum* (destino, fatalidade). Nas línguas modernas: *fada* (português); *fata* (italiano); *fée* (francês); *fatry* (inglês); *feen* (alemão) e *hada* (espanhol).”

Sobre o nascimento das fadas, Carvalho (1984) explica que elas são de origem pagã e devem inspiração mitológica nas vestais, musas e ninfas. Ela acrescenta que alguns estudiosos afirmam que elas são de origem da raça ariana, dos povos indo-germânicos, outros já afirmam que seu surgimento foi na Pérsia.

Coelho (1987, p. 32) avalia que é “Impossível determinar com exatidão o ponto geográfico ou o momento temporal em que as fadas teriam nascido. [...] Quanto a serem de origem celta, parece não haver mais nenhuma dúvida entre os

pesquisadores.” Pesquisando os costumes e a religiosidade celta, a autora afirma também que:

Não há dúvida de que a passagem do real para o imaginário, isto é, da existência histórica dos celtas para o surgimento dos romances e narrativas maravilhosas dos bretões, célula primeira dos contos de fadas, fez-se através da espiritualidade marcante ou da tendência para a fantasia e para o mistério característica do espírito céltico (COELHO, 1987, p. 43).

No livro *Contar histórias uma arte sem idade* Maria Betty Coelho Silva informa que o interesse do leitor infantil nas diferentes faixas etárias da crianças sofre mudanças. Aponta diversos textos literários entre eles, histórias acumulativas, de aventura, de encantamento, humorísticas e histórias de fadas. Ao se referir as histórias de fadas a autora afirma que o interesse por elas acontece desde a fase pré-escolar e que se estende até os nove anos (SILVA, 1986, p. 15). Evidentemente que a indicação da faixa etária tende a apoiar os mediadores no momento de escolher a obra a ser lida, narrada, emprestada, porém não se deve agir com rigidez; já passou o tempo em que as editoras publicavam na segunda capa do livro a recomendação da idade do leitor. Observamos ainda que isso não significa que elas, em outras fases, não se interessam por esse gênero de literatura; pelo contrário, como dito anteriormente, até os adultos gostam.

Carvalho (1984, p. 48) por sua vez afirma que as crianças têm interesse nos contos de fada na “[...] fase de (4 a 7 anos), quando a imaginação é soberana e toda prazerosa.”

Outra consideração a respeito do conto é que ele “[...] originou-se na memória coletiva por intermédio de um narrador anônimo e, como tal, inscreveu-se numa tradição” (RADINO, 2004, p. 58). No entanto, é unânime entre os autores que os contos de fada foram propagados pela tradição oral, através dos tempos. Khéde (1986) explica que a origem dos contos de fada é muito diversa, mas que provém de contos folclóricos europeus e orientais. O autor ainda acrescenta “[...] que os contos de fadas na versão literária, atualizam ou reinterpretem, em suas variantes, questões universais como os conflitos do poder e a formação dos valores, misturando realidade e fantasia no clima do Era uma vez [...]” (KHÉDE, 1986, p. 16).

Ao definir o que são os contos de fada, Chaves (2011, p. 15) apresenta a seguinte visão: “[...] criações simples e espontâneas da inventividade popular, por isso não

podemos olhá-los como se fossem apenas historinhas utilizadas no entretenimento das crianças.”

No nosso cotidiano quando uma pessoa está passando por uma situação que é singular, em geral, de felicidade, ouvimos que ela está “vivendo um conto de fada” e, se descrevemos esse acontecimento, é como se ela estivesse fugindo da realidade, ou seja, passando por uma situação surreal.

Os contos de fada têm a característica de nos levar a acreditar que o final sempre será feliz. Isso por conter elementos irrealis que são importantes quando nos levam à fantasia e alicerçam nossa integridade física e mental. “Os contos se caracterizam por serem uma narrativa cujos personagens heróis e, ou, heroínas enfrentam grandes desafios para, no final, triunfarem sobre o mal” (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009).

Vale destacar que mesmo, ou até por isso, os contos de fada tendo características irrealis são fundamentais na formação das crianças visto que “[...] há sempre elementos da realidade, apresentada sob novos e imaginosos aspectos [...]. As fadas são de alto valor cultural [...] que cultiva a emoção; pelo otimismo e a força do querer realizar; pela vitória do bem” (CARVALHO, 1984, p. 60).

Os contos de fada possuem muitos artifícios de encantamento, as crianças se apaixonam por essas histórias, elas entram em um mundo maravilhoso onde tudo é encantado e mágico, seja os serem animados ou inanimados onde tudo pode ser explicado. “Para os psicanalistas, ou à luz da Psicanálise, a varinha mágica é um símbolo do “falo” (certamente o mais poético dos seus símbolos) [...]” (CARVALHO, 1984, p. 62).

Outro “Instrumento mágico nos contos de Fadas e de alta significação na Psicanálise é o espelho.” (CARVALHO, 1984, p. 63). “Na mitologia do inconsciente humano está ainda o tapete mágico, o brinquedo mais antigo do homem, que se inicia com Ícaro para projetar seu desejo de voar” (CARVALHO, 1984, p. 64).

Na atualidade é comum observar no momento de narrativas de histórias a utilização de sinos, lenços, apitos, instrumentos musicais, porém é imprescindível a voz modulada de forma a prender a atenção do ouvinte.

Vale destacar que “Muitos seres e elementos mágicos, simbólicos, alegóricos, transitam nos contos infantis, carregados de significados, porque nada é gratuito em Literatura” (CARVALHO, 1984, p. 64).

Rezende e Cruz (2011, p. 43) ressaltam a importância da leitura dos contos de fada para as crianças porque estimula a imaginação e proporciona maior clareza nas suas emoções ajudando-as a enfrentar as adversidades. Podendo levá-las a enfrentar com mais coragem os problemas diários.

Essas histórias e personagens permitem a identificação das crianças com as suas próprias vivências e, dessa forma, possibilitam que elas tenham condições de agir em uma determinada situação ou expressar algum sentimento que provêm de algum trauma. Radino (2004) resalta que esse gênero de conto atinge o inconsciente das crianças, sendo assim, se torna um instrumento que as auxilia a passar pelos conflitos, pois não compreendem as dificuldades da mesma forma que os adultos.

Na escola nos depara-se com crianças que carregam consigo histórias que podem ser boas ou infelizmente traumáticas. O que acontece é que por vários fatores as angústias delas podem passar despercebidas pelos profissionais. Algumas crianças externalizam suas dores de uma forma agressiva, tornando perceptível que estão passando por algum problema, mas o que fazer para ajudar aquelas que têm dificuldades de comunicar isso?

As experiências com os contos de fada realizadas pela Dra Clarissa Pinkola Estés no se consultório comprovam as mudanças que eles podem realizar na psiquê de seus pacientes. Para ela:

As histórias podem levantar, revivificar, resgatar, recosturar, expandir, proporcionar visões “divinas” assim como também no humanitas, o grande coração do amor, que nos leva a movimentar para além de nós mesmos. Minha definição do que seja uma pessoa brilhante é aquela que luta pela inteireza. Dessa forma, se quer que suas crianças sejam brilhantes, ensine-as contos de fadas. Se quiser que elas se tornem ainda mais brilhantes, ensine-as ainda mais contos de fadas (ESTÉS, [200?], p. 28).

Os contos de fada, por conter em seu enredo situações que mesmo de uma forma fantasiosa, se assemelha a acontecimentos comuns, podem provocar nas crianças a identificação com esses fatos e permitir que elas “encarem” seus medos, vontades e demais sentimentos.

A fantasia é fundamental para qualquer idade como afirma Radino (2004, p. 116) “[...] é o nosso combustível interno. Desde o nascimento, para que possamos sobreviver

psiquicamente, criamos fantasias, tão necessárias para dominar nossas angústias e realizar nossos desejos.”

Quando a leitura de contos de fada é prazerosa a criança consegue externar ou compreender suas emoções. Mesmo sendo doloroso, o contato com contos de fada serve como um processo de terapia. Caldin (2004, p. 74) os defende para fins terapêuticos, uma vez que “[...] favorece a introspecção, pois a criança tem a oportunidade de refletir sobre seus sentimentos de tristeza e tem o alento de que eles podem ser passageiros. [...]”.

Pode-se inferir das considerações dessa autora que os contos de fada ajudam as crianças liberar suas emoções, podendo momentaneamente causar um alívio em suas aflições. Por isso a sua leitura é imprescindível para as crianças, que deparam com vários dilemas, servindo como um espelho para elas.

Os contos de fada se aproximam da realidade da criança, “Eles trilham no mesmo caminho onde ela pensa e experimenta o mundo, pois possuem a mesma visão de mundo dela” (CHAVES, 2011, p. 18) A autora ainda complementa que os contos de fada atingem o inconsciente das crianças. Ela compara como o consciente com uma ilha, e o inconsciente o oceano. Afirma que existe uma dificuldade muito grande de descobrir o que está no nosso inconsciente e que para solucionar algum problema ele deve vir à tona. (CHAVES, 2011).

No entanto, recepção dos contos de fada pelos ouvintes nunca é a mesma, pois cada um tem uma história de vida: “Uma princesa citada num conto jamais será a mesma personagem para as diferentes pessoas que estiverem ouvindo este conto. A minha princesa anda e fala como eu a imaginar, pois esta determinante só compete a mim.” (BUSATTO, 2003, p. 18).

A variante de interpretação não significa que o texto está mal escrito ou escrito de forma incompreensível, nem que o leitor seja imaturo para alcançar determinada narrativa; o que acontece é que somos uma somatória de experiências, de leituras de mundo, de influências culturais, religiosas, psicológicas, afetivas e que reagimos de diferentes formas ao nos “encontrar” com um texto. Em outras palavras: “Cada um compreende o que está ao seu alcance, pois há diferentes planos de compreensão. A criança frente a frente com sua problemática, reproduzida pelo conto, pode ter uma nova visão de sua própria situação e sair de um bloqueio” (TAPPOLET, [200?], p. 95).

Além disso, pode-se hoje sentir prazer ao ouvir uma narrativa e depois de um tempo ela não ter mais significado. O oposto também pode ocorrer, as crianças solicitam “[...] que seus pais lhe contem de novo esta ou aquela história, quando revivem sentimentos que vão sendo trabalhados a cada repetição do drama, ampliando assim os significados [...]” (RESSURREIÇÃO, [19--], p. 25-26).

Nas escolas confessionais constata-se que existem controvérsias sobre a validade dos contos de fada na vida da criança, até mesmo por suas características “irreais”, levando a criança a acreditar que tudo é fantasia e torná-la alienada. Essa discussão não é de agora, pois Carvalho no ano de 1984 já comentava:

Há os que condenam os contos fantásticos de Fadas. Fantástico também é que isso aconteça, pois não conseguimos entender como é possível condenar-se inocência e beleza, uma vez que as inocentes estórias de Fadas, mesmo com algumas implicações negativas, só podem encantar e enriquecer o espírito da criança. E os argumentos apresentados contra os contos de Fadas são tão fracos de conteúdo, quanto pobres de sensibilidade [...] (CARVALHO, 1984, p. 21).

Ainda nos anos 2010, infelizmente, é perceptível um movimento realizado pelos “guardiões da moral e bons costumes” que perseguem obras (malditas obras!) utilizando a justificativa de que elas induzem à comportamentos inadequados.

Os moralistas, em sua maioria, sem ética (por exemplo deputados e vereadores) promovem um movimento de roldão contra diferentes publicações, pressionam professores e bibliotecários. Tristemente os pais despreparados e desinformados e, em alguns casos, alienados que no momento da matrícula na escola nunca se preocuparam em saber se havia biblioteca... hoje se “autorizam” a apontar, mesmo sem lê-las, obras malditas [...]! (BORTOLIN, 2018).

Vale aqui nos apropriar do pensamento de Carvalho (1984, p. 21) quando afirma: “Tire-se ao homem a capacidade de sonhar, o poder da imaginação criadora e contemplativa, e diga-nos o que resta dele, ou melhor, o que fica da criatura humana?!”

Em um mundo em que as relações estão bipartidas, individualizadas, superficial e centradas em desejos imediatistas visando suprir riquezas materiais; nunca o ato de sonhar, foi tão necessário. “[...] Sonhar é preencher vazios, é criar condições terapêuticas para os impactos da realidade, é libertar-se, enfim!” (CARVALHO, 1984, p. 21).

As crianças precisam de literatura, as crianças precisam de contos de fada para não se transformarem em pessoas amargas, descrentes e agressivas. Enganam-se àqueles que acreditam que palmadas “salvam” almas. A dor, o desrespeito, o desamor, a violência, o abandono fragiliza a criança e não a educa.

Considerações Finais

Por acreditar que a biblioteca escolar pode fazer a diferença na vida dos estudantes, este trabalho é destinado aos bibliotecários e demais profissionais da educação que hoje são responsáveis por ela. Espera-se que estes realmente entendam a importância de a biblioteca escolar ter um acervo plural. Isso se torna mais especial, por presenciarmos, em terras brasileiras, discursos e atos políticos que levam à desvalorização do livro e da escola. No meio de tantos conflitos familiares e sociais perceber a biblioteca escolar como espaço de visibilidade para as literaturas, em especial, os contos de fada torna-se fundamental.

Visto que o objetivo desse trabalho foi discutir a relevância dos contos abordou-se nesse trabalho, dois assuntos significativos para a formação das crianças: a biblioteca escolar e os contos de fada. Buscou-se destacar alguns benefícios dos contos de fada, visto que estes são inúmeros.

Apesar dessa pesquisa discutir os contos de fada com o foco nas crianças, é importante fazer três considerações: a) que eles não encantam apenas as crianças, prova disso é que há no Brasil iniciativas de narrativas de contos em livrarias e restaurantes para o público adulto; b) a vida moderna está cada vez mais “neurótica”, portanto enriquecer o imaginário daqueles que não são mais crianças é uma necessidade real; c) os adultos, em especial, os mediadores de leitura precisam gostar e acreditar nesse gênero literário, visto que é improvável que o público de qualquer idade se sentirá atraído por uma narrativa realizada de maneira apenas técnica e sem vibração.

Os contos de fada são riquíssimos, suas histórias envolvem a criança nesse mundo mágico, cheio de fantasias e sem aliená-la, ao contrário ele dá sentido as suas angústias, ajudando a resolver seus problemas internos e próprios da idade.

Assim, a responsabilidade do mediador no momento da escolha do texto a ser mediado é imprescindível! Sugere-se aqui começar com contos de Hans Christian Andersen, Charles Perrault e os Irmãos Grimm (Jacob Ludwing Karl e Wilhelm Karl), que são os precursores desse gênero. Destaca-se que o ideal é utilizar as publicações, preferencialmente, mais próximas do texto original, sem reducionismo, pois na justificativa de proteger as crianças, tira-se delas a oportunidade de enfrentar seus medos, aflições que os contos de fada carregam.

Almeja-se que as crianças tenham acesso a todos os gêneros literários, incluindo os contos de fada de igual valor. O mediador na biblioteca deve reconhecer que a inexistência dos contos de fada na biblioteca prejudica os pequenos que, possivelmente, não terão contato algum com a simbologia presente nos contos de fada.

Espera-se que o tema abordado neste artigo possa contribuir com a melhoria do acervo da biblioteca escolar e, principalmente, que os contos de fada estejam presentes nela. No entanto, apenas acervos melhorados não amplia o índice de leitores no país. Os livros precisam estar em movimento “Das prateleiras às mãos”³. Ao contrário do que acreditam muitos adultos as crianças compreendem os contos de fada e alcançam o que eles têm de mais complexo.

É fato que os mediadores ao utilizar os contos de fada ajudam emocionalmente as crianças. E este é um dever baseado em um princípio ético.

Referências

BORTOLIN, S. A maldição dos livros infantis ou os livros infantis malditos. *Infohome*. out. 2018. Coluna literatura infantojuvenil. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1159. Acesso em: 10 ago. 2018.

BORTOLIN, S. *Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando*. 2010. 232f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

BUSSATTO, C. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CALDIN, C. F. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, n.18, 2004.

³ Título de artigo publicado na Revista Pedagógica da Universidade Comunitária Regional de Chapecó, em 2001. (SILVA; BORTOLIN, 2001).

- CARVALHO, B. V. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 3. ed. São Paulo: Global, 1984.
- CHAUÍ, M. Contos de fadas. *In: CHAUÍ, M. Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 32-54.
- CHAVES, S. *Conto de fadas: um presente de amor*. Londrina: Maxiprint, 2011.
- COELHO, N. N. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.
- COELHO, N. N. *O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003.
- ESTÉS, C. P. As palavras são realmente sagradas. *In: CARAM, C. A.; MATOS, G. A. Contos e metáforas em terapia*. Belo Horizonte: Ateliers e Eventos de Contos, [200?]. (Projeto Convivendo com Arte).
- FONSECA, E. N. *A biblioteca escolar e a crise da educação*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KHÉDE, S. S. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática, 1986.
- RADINO, G. *Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- RESSURREIÇÃO, J. B. *A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da imaginação*. [19--]. Disponível em: <http://www.facos.edu.br/old/galeria/129102010020851.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2016.
- REZENDE, L. A.; CRUZ, F. Leitura e conto de fadas: matéria-prima nos processos de ensino e aprendizagem. *In: REZENDE, L. A. (org.). Leitura infanto juvenil: abordagens teórico-práticas*. Londrina: Eduel, 2011. p. 43-79.
- SCHNEIDER, R. E. F.; TOROSSIAN, S. D. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, ago. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 nov. 2015.
- SILVA, L. P. B. (org.). *Bruxas e fadas, sapos e príncipes: contos de fadas em experiências terapêuticas*. Rio de Janeiro: Walk, 2006.
- SILVA, M. B. C. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1986.
- SILVA, R. J.; BORTOLIN, S. Das prateleiras às mãos. *Revista Pedagógica*, Chapecó, n.6, p. 87-97, 2001.
- TAPPOLET, Ú. A Terapia através da marionete e do conto. *In: CARAM, C. A.; MATOS, G. A. Contos e metáforas em terapia*. Belo Horizonte: Ateliers e Eventos de Contos, [200?]. (Projeto Convivendo com Arte).
- WITTER, G. P. Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e busca de informação. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 7, n. 1, p. 5-30, jan./jul. 1990.

Recebido em: 10/01/2019

Aceite em: 16/06/2019